



ORGANIZADORAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA E ROSANE PAMPLONA

Salada, saladinha

Parlendas

ILUSTRAÇÕES: MARCELO CIPIS

PROJETO DE LEITURA

Maria José Nóbrega

● Leitor iniciante

Moderna
Contigo criamos leitores

De leitores e asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “*quer*” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero

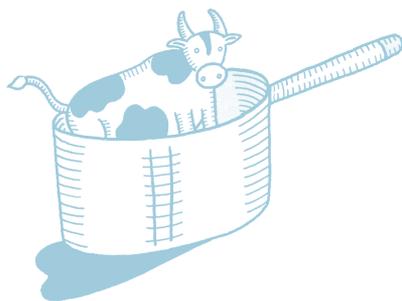


Salada, saladinha

Parlendas

ORGANIZADORAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA E ROSANE PAMPLONA



UM POUCO SOBRE AS ORGANIZADORAS

Maria José Nóbrega

Nascida em outubro de 1952, na Casa Verde, em São Paulo. Do tempo de menina, guardou a memória das brincadeiras que desabrocharam com toda a força quando nasceram suas duas filhas. Foi o desejo de compartilhar com elas as brincadeiras de sua infância que fez com que começasse a colecionar parlendas, adivinhas, trovas, cantigas...

Como professora, descobriu a força desses gêneros para ensinar crianças a ler e a escrever e, assim, segundo ela, *fazer com que entrem no mundo da escrita de braço dado com a tradição oral de nosso povo.*

Maria José tem mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela USP — Universidade de São Paulo. Participou da equipe de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos). Atua como assessora de Língua Portuguesa na concepção de programas de formação continuada de professores da rede pública de São Paulo.

Na editora Moderna, coordena o programa “Contigo criamos leitores”, que tem como objetivo oferecer aos educadores uma proposta articulada para o trabalho com a leitura de obras literárias na escola.

Rosane Pamplona

Nascida na cidade de São Paulo, viveu sua infância na Avenida Paulista, em um tempo em que ainda era possível brincar nas ruas, com

a turma do quarteirão. Passava suas férias “na roça”, como ela diz, e foi lá que aprendeu a dizer versos bonitos na brincadeira de roda. Lembra-se da alegria genuína que sentia brincando de gato-e-rato, de pular corda e de cabra-cega. Acredita que essas experiências instigaram nela a curiosidade, a admiração e o amor pela língua. É professora, formada em Letras pela USP — Universidade de São Paulo. Trabalhou em várias escolas e universidades, mas atualmente ganha a vida com seus livros, dando cursos de formação para professores e também se apresentando como contadora de histórias.

Escreveu *Novas histórias antigas*, *Outras novas histórias antigas* e *A princesa que tudo sabia... menos uma coisa*, pela Brinque Book.



RESENHA

As parlendas de *Salada, saladinha* nos despertam para a dimensão lúdica da linguagem, que acabamos por esquecer, à medida que nos afastamos da língua em sua origem oral e popular. Mas, de verdade, o que temos aqui é poesia — não a poesia lírica e sóbria, mas a poesia-jogo, poesia-brinquedo, poesia-provação.

Ao ouvir e ler parlendas, somos tocados por pequenos poemas que nos convidam para a ação e para a brincadeira, além de entrarmos em contato com a língua em sua forma mais natural e espontânea — uma língua poética que diverte, incita e desperta a imaginação.

Em tempos como os nossos, em que a publicidade bombardeia tanto as crianças, despertando o seu desejo por brinquedos eletrônicos, bonecas de plástico e *videogames*, as parlendas convidam a entrar num jogo muito mais simples, mas certamente mais estimulante, em que os únicos aparelhos necessários são a imaginação, a criatividade e a interação com o outro.



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

As parlendas são jogos de palavras ritmados, muitos sem sentido lógico, que servem para as mais diferentes finalidades: introduzir ou acompanhar brincadeiras, selecionar competidores, arrelhar os outros, ajudar a aprender os números, as letras etc. Não são cantadas mas, sim, declamadas, obedecendo a um ritmo que decorre da própria metrificação, em geral versos de 5 ou 6 sílabas poéticas.

Em *Salada, saladinha*, os textos selecionados foram agrupados em função das circunstâncias em que são usados, nas diferentes atividades sociais que remetem ao universo das brincadeiras infantis:

- Parlendas de tirar: são usadas pelas crianças que vão participar de uma brincadeira, para organizar grupos competidores ou para selecionar quem assume um papel específico na atividade, por exemplo,

quem será o pegador, quem vai procurar os outros na brincadeira de esconde-esconde.

- Parlendas de arrelhar: as que uma criança diz a outra para provocar, irritar, aborrecer. Em geral, surgem de uma situação de conflito ou desafio e se desencadeiam a partir de algo que o “adversário” diz e que funciona como uma espécie de mote para a recitação da parlenda.

- Parlendas de pular corda: usadas para marcar o ritmo em diferentes brincadeiras de pular corda, individuais ou em grupos.

- Parlendas de brincar: usadas para desencadear brincadeiras, como o esconde-esconde, ou para marcar o andamento da brincadeira.

- Parlendas de acabar: fórmulas usadas para terminar histórias.

As parlendas costumam sofrer pequenas modificações de acordo com a época e o lugar e, como variam bastante, cada pessoa pode conhecê-las de um modo diferente. Assim, é bem provável que você ou as crianças conheçam alguns dos versos das parlendas selecionadas para esse livro de uma forma um pouco diferente.

Mas este é o mistério: é porque mudam que as parlendas permanecem, porque têm a admirável plasticidade de ficar do jeitinho que a gente gosta de brincar.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Educação Artística

Temas transversais: Pluralidade cultural

Público-alvo: leitor iniciante



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Apresente às crianças o título do livro, *Salada, saladinha*, e peça que identifiquem de onde esse verso foi tirado. Será que conhecem essa parlenda de pular corda? Diga-a junto com a classe.

2. Leia para as crianças a trovinha que aparece na quarta capa. Quem conhece essas brincadeiras? Alguém já brincou de barra-manteiga? O que é que se fala na brincadeira do corre cutia? Como é que a gente faz para tirar o pegador? E o que a gente diz antes de se esconder?

3. Convide-os a observar a capa: que relação as ilustrações de Marcelo Cipis têm com o título? Provoque-os: Salada vai ao forno? O homem segura um guardanapo? Diga que, quando estiverem lendo, descobrirão o que elas têm a ver com o texto.

Durante a leitura:

Informe às crianças que as parlendas costumam variar de uma época para outra ou de um lugar para outro. Peça que registrem as que já conhecem e também as que conhecem de um jeito um pouco diferente. Combine com elas um código para fazer a marcação.

Depois da leitura:

1. Como as parlendas costumam sofrer pequenas modificações de acordo com a época e o lugar, é provável que você e sua turma conheçam versões diferentes de muitas delas. Comparar diferentes versões de um mesmo texto é uma excelente atividade, pois para realizá-la é necessária uma leitura atenta para se identificar o que permanece e o que muda.

Comparemos, por exemplo, duas versões de U-NI-DU-NI-TÊ apresentadas na p. 7.

A diferença entre elas ocorre apenas no último verso. Na primeira o que se afirma nos primeiros versos não tem nada a ver com o último: *O escolhido foi vo... cê!*; na segunda, se oferece um sorvete colorê para que o escolhido dê uma lambidinha.

Desenvolva atividades semelhantes sempre que encontrar variações de uma parlenda.

2. As brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento infantil, pois é por meio do ato de brincar que a criança expressa suas emoções, interage com outras crianças, aprimora seu desempenho físico-motor e desenvolve sua linguagem, comunicando-se com o mundo.

Ensine a seus alunos as brincadeiras relacionadas às diferentes parlendas que integram esse livro e estimule-os a se divertir com elas.

3. Certos recursos expressivos recorrentes nas parlendas possibilitam um trabalho rico e produtivo com atividades para a alfabetização:

- a repetição de palavras;
- a repetição de estruturas sintáticas;
- as rimas.

a) Nas parlendas em que ocorrem repetições de palavras peça aos alunos que:

- encontrem as palavras que se repetem;
- verifiquem quantas vezes cada uma delas se repete;
- confirmem se a cada repetição elas têm o mesmo sentido ou não.

b) Nas parlendas em que ocorrem repetições de estruturas sintáticas, isto é, em que uma mesma estrutura oracional ocorre ao longo do poema com pequenas variações, assinalem com uma cor as partes que não mudam e, com outra, as partes que variam.

Por exemplo, na parlenda cujo verso inicial é “Não me olhe de banda”, p. 20, não mudam os seguintes trechos:

Não me olhe de _____ ,

Que eu não _____ ,

Estimule-os a produzir mais versos para a parlenda aproveitando o modelo. Por exemplo:

Não me olhe de **frente**,

Que eu não **fico contente!**

Com relação às rimas, estimule as crianças a descobrir quais as palavras que rimam e que letras representam os sons que combinam e produzem a rima.

4. Várias parlendas envolvem o diálogo entre os participantes da

brincadeira, como ocorre em “Bento que Bento é o frade!” (p. 46), “Que horas são?” (p. 48) e tantas outras. É uma maneira bem divertida de ensinar o uso do travessão para indicar mudança de interlocutor.

5. Para os pequenos que ainda não conseguem decifrar o escrito, peça que acompanhem a leitura em voz alta apontando com o dedo o trecho que está sendo lido.

6. Para as crianças que já compreendem o sistema de escrita, mas têm pouca fluência para ler autonomamente porque ainda não sabem ler as letras minúsculas, é possível incentivá-las a ler sozinhas, uma vez que as parlandas estão grafadas em letra maiúscula.

7. Ensine para as crianças uma das parlandas e, quando souberem o texto de cor, desafie-as transcrevê-lo de memória.

8. Ensaie a recitação das parlandas com a turma toda e, quando estiver bem bonito, grave em fita cassete ou CD. Assim, poderão acompanhar a leitura enquanto escutam a interpretação oral.

9. Apresente uma versão de uma das parlandas que as crianças saibam de cor na qual apareçam palavras a mais ou a menos, trocadas ou fora de ordem: os alunos devem identificar quais palavras foram acrescentadas, eliminadas, invertidas ou trocadas.

A atividade exige que as crianças observem o texto com muita atenção para descobrir qual a “pegadinha”; atenção necessária à leitura para revisão de textos.



LEIA MAIS...

1. DE MARIA JOSÉ NÓBREGA E ROSANE PAMPLONA

Diga um verso bem bonito! — São Paulo, Moderna

Enrosca ou desenrosca? — São Paulo, Moderna

2. DE ROSANE PAMPLONA

Era uma vez... três! — São Paulo, Moderna

Novas histórias antigas — São Paulo, Brinque Book

Outras novas histórias antigas — São Paulo, Brinque Book

A princesa que tudo sabia... menos uma coisa — São Paulo, Brinque Book

3. SOBRE O MESMO GÊNERO

Armazém do folclore — Ricardo Azevedo, São Paulo, Ática

Meu livro do folclore — Ricardo Azevedo, São Paulo, Ática

O jogo da parlenda — Heloisa Prieto, São Paulo, Companhia das Letrinhas

Um tigre, dois tigres, três tigres — Neusa Pinsard Caccese (org.), São Paulo, Paulus